

## OS MITOS DO OCIDENTE

---

*Victor Jabouille*

As culturas clássicas grega e latina desenvolvem-se em um espaço determinado: o Mediterrâneo. Este espaço, enquanto elemento de relação territorial, constitui o núcleo do desenvolvimento e a base da expansão que, durante séculos, caracterizarão as culturas continentais adjacentes. Mar fechado, *mare clausum*, o Mediterrâneo será também o mar aberto, *mare apertum*, a partir do qual se sai para a conquista militar, para o domínio financeiro e para a fiscalização das rotas económicas ou, simplesmente, para a descoberta do desconhecido, para a *viagem mais além*.

A concentração mediterrânea é, na Antiguidade, um fenómeno cultural, assente em uma concepção centrípeta da expansão. Já em período anterior à chegada dos primeiros Helenos, o mundo egeu estava em contacto com povos do oriente mediterrâneo (Egipto e Síria) e, até, do ocidente<sup>1</sup>. Se durante os períodos de hegemonia cretense e micénica se mantém esta situação (basta recordarmos os arquétipos do ciclo da "Guerra de Tróia"), o desencadear do processo de transformação tradicionalmente atribuído às invasões dóricas vai provocar um retraimento das viagens. Os beneficiários, na perspectiva histórica também tradicional, serão os Fenícios, que se instalam em pontos estratégicos do Mediterrâneo e, principalmente a partir de Cartago, desenvolvem uma exploração comercial sistemática.

---

<sup>1</sup> Recordemos, por exemplo, os testemunhos arqueológicos micénicos descobertos recentemente no sul da Península Ibérica.

A partir de cerca de 800 a.C., os Gregos iniciam, na área do Egeu, uma nova fase de colonização, dirigida, de forma não sistemática mas progressiva, em todas as direcções do Mediterrâneo. O conhecimento do mundo alarga-se de um modo directo mas, também, indirecto, graças às informações de viajantes, sobretudo de mercadores. O conhecimento de regiões e povos distantes enriquece-se, embora de uma forma não objectiva, já que o tipo de colonização grega, litoral e voltada para o mar, não incrementa a exploração dos interiores continentais. Será, muito mais tarde, com Alexandre, que se há-de inaugurar uma forma diferente de expansão, penetrando profundamente nos territórios orientais. Mas a expansão asiática de Alexandre não será repetida no Ocidente e só os Romanos realizarão uma política de ocupação territorial global e efectiva a sul (Hispania, Gália, Bélgica, Líbia...), mantendo, contudo, o *limes* africano restrito a uma estreita faixa da costa.

O domínio do Mediterrâneo decorre naturalmente do seu conhecimento progressivo. Desbravado por marinheiros fenícios e gregos, este mar fechado vai, desde data antiga, ser atravessado em todas as direcções e gradualmente descoberto. Iniciado, em período anterior, a partir de leste, o avanço para Ocidente ao longo das costas europeia e africana e o desenvolvimento de rotas que exploram as capacidades logísticas de ilhas como a Sardenha e a Córsega e de arquipélagos como o das Baleares vai permitir o conhecimento profundo do *mar interior*, o *mare nostrum* na concepção adequada e especializada dos Romanos. Na sequência do processo original de crescimento de Roma, o mundo organiza-se em função de uma oposição muito clara entre a Itália (integrante do *imperium populi Romani*) e o resto do mundo. Para o homem romano, o mundo habitado e conhecido crescera rapidamente, sobretudo durante a 2ª Guerra Púnica. Além da *pax*, integrada posteriormente como fase essencial do plano político de Octaviano, era necessário governar bem. Cícero dirá claramente em que consiste para os senadores este modo inovador de governo: *...quid habeat militum, quid ualeat aerario, quos socios res publica habeat, quos amicos, quos stipendiarios, qua quisque sit lege, conditione, foedere, tenere consuetudinem decernendi, nosse exempla maiorum*<sup>2</sup>. Esta competência política supõe viagens, observação, relatórios e conhecimentos alargados.

O ponto oeste extremo do Mediterrâneo, o Estreito de Gibraltar, é considerado um obstáculo difícil de transpor e será durante muito tempo uma barreira não ultrapassável e, por outro lado, um módulo fundamental

---

<sup>2</sup> *De leg.*, III, 18 (41): *quantos são os soldados de que o Estado dispõe, qual o valor do erário, quem são os aliados, os amigos, os tributários; quais são as leis, as convenções, os tratados. É necessário conhecer os usos das deliberações, os exemplos dados pelos antepassados.*

na construção de um imaginário fantástico e limitador do avanço determinado para Ocidente. A mitologia relaciona-o com Hércules/Héracles, agente responsável pela abertura "artificial" que possibilita o acesso a um mundo exterior desconhecido, perigoso e fantástico. As *Colunas de Hércules* foram, porém, ultrapassadas e os Fenícios estabeleceram-se em data antiga do outro lado do Estreito, nas costas da Hispânia e de África, em locais estrategicamente tão importantes como Cádiz (Gades, Gadir) e Lixo. Apesar da capacidade colonizadora de Fenícios e Gregos e da fixação de rotas atlânticas, como a "imprescindível" rota do estanho, para norte, ao longo da costa atlântica da Península e até às Cassitérides, o mundo para lá da fronteira cultural que se abre, a ocidente, ao espaço mediterrâneo é marcado pela construção imaginária. A Ibéria grega, Hispânia dos Romanos, é um bom exemplo dessa construção.

Da leitura dos textos dos autores antigos sobressaem dois aspectos curiosos. Em primeiro lugar, a falta de conhecimento efectivo da região gera um terreno propício à localização do insólito e do estranho. Monstros e fenómenos naturais alimentam um imaginário de terror e de maravilhoso. É na Hispânia, território de homens com costumes estranhos que praticam sacrifícios humanos<sup>3</sup> e se suicidam para não serem aprisionados<sup>4</sup> – apesar de ser a pátria de Séneca e de Marcial, de Trajano e de Adriano –, que surgem tritões, sereias, polvos gigantes, éguas que são emprenhadas pelo vento, cavalos especiais como os de Aquiles ou a bruma, elementos diferenciadores que impedem a navegação e que são, também, unidades construtoras de um maravilhoso intemporal ligado ao mar, não navegado, distante e desconhecido. Mas se as costas peninsulares são, como primeiro elemento do Atlântico, caracterizadas de forma fantasmagórica, já o interior concretiza e alimenta uma outra forma de ficção. A Hispânia é, também, a terra dos metais e das pedras preciosas, uma riqueza que se materializa ainda na produção rica, na fertilidade dos campos e dos animais e, principalmente, na abundância do ouro. A imagem que os Antigos criam do Extremo Ocidente fundamenta-se menos na observação e mais na imaginação.

Plínio, fazendo eco de uma tradição mais antiga, apresenta a Hispânia como um *Eldorado* natural, onde as pepitas e as placas denunciavam jazigos auríferos em abundância. Marcial<sup>5</sup> e Pompónio Mela<sup>6</sup>, tal como o grego Estrabão<sup>7</sup>, confirmam esta imagem. No extremo ocidental,

---

<sup>3</sup> Estrabão, III, 4, 17.

<sup>4</sup> Díon Cássio, 54, 5, 1.

<sup>5</sup> Cf. I, 49, 15, VI, 86, 5-6, VII, 88, 5-7, VIII, 78, 5-6, X, 17, 3-4, X, 96, 3, e XII, 2, 3.

<sup>6</sup> Cf., p.e., II, 86, e III, 8.

<sup>7</sup> III, 2, 4-6; 2, 8.

o *Tagus* é o exemplo da riqueza bruta, curiosamente efectiva ainda durante a primeira dinastia da monarquia portuguesa e perpetuada no topónimo Almada. Contrariamente ao *Eldorado* perseguido pelos conquistadores espanhóis na América, o hispânico é natural e não se encontram referências a objectos manufacturados em ouro. Até neste pormenor se afirma uma imagem de rudeza, natural e bruta, *bárbara*, oposta ao requinte cultural do observador.

O contacto tardio das principais culturas mediterrâneas com o Ocidente reflecte-se nas materializações mitológicas, francamente limitadas se as compararmos com as que utilizam como cenário o Oriente ou o espaço mediterrâneo global. O Ocidente é o universo do Oceano, separado do "mar entre terras" pelo Atlas e pelas Colunas de Hércules/Hércules, personagem que preenche, a par de alguns mitos transpostos ou de origem local, grande parte da acção mítica no Ocidente. Espaço intensamente marítimo, o Ocidente é, também, o cenário natural de localização de ilhas míticas ou quase-míticas.

As aberturas naturais deste mar "entre terras" são periféricas, opostas mas equilibradas. A Oriente, através dos Dardanelos e do Bósforo, situa-se a passagem para o Mar Negro e a abertura, por outra via, ao mundo asiático e a contactos culturais e comerciais longínquos. A Ocidente, através das "Colunas de Hércules/Hércules", a passagem para uma imensidão aquática desconhecida: o Oceano. É curiosa a comparação entre a facilidade das viagens e dos contactos com o Oriente e, por outro lado, a imposição de uma barreira, talvez psicológica, à evolução para Ocidente, materializada pelas "Colunas de Hércules".

Ovídio, em *Metamorfoses*<sup>8</sup>, termina deste modo a primeira fase do ordenamento cósmico:

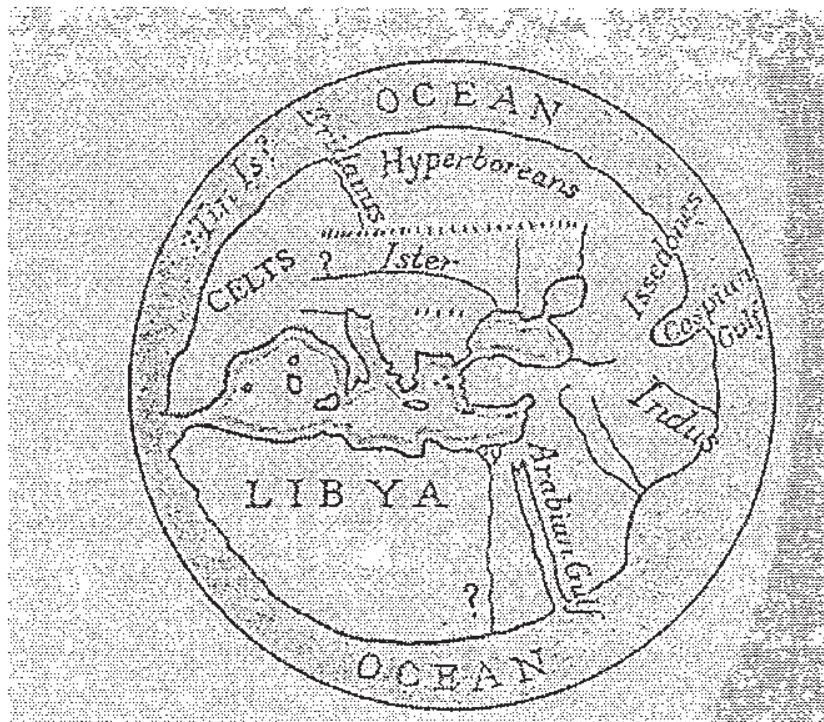
*circumfluus umor  
ultima possedit solidumque coercuit orbem.*<sup>9</sup>

A ideia não é nova, pois repete a concepção de Terra descrita na *Iliada*, no episódio do escudo de Aquiles<sup>10</sup> e é comprovada pelas concepções geográficas mais antigas. Assim, as ordenações espaciais de Hecateu e de Heródoto, ao serem graficamente representadas, confirmam o Oceano como espaço envolvente da ecúmena, terra habitada e, portanto, conhecida. Representações posteriores esclarecem o conhecimento do mundo e o relacionamento espacial.

<sup>8</sup> I, vv. 30-31.

<sup>9</sup> "A fluida água ocupou os últimos espaços, envolvendo tudo em redor da massa sólida do mundo".

<sup>10</sup> XVIII, 607-608. Cf. tb. XVIII, 399.



A Terra segundo Hecateu de Mileto (reconstituição)

O Oceano era considerado não um vasto mar mas, sim, um rio que rodeava a Terra. Noção implícita em vários passos dos *Poemas Homéricos* e em Hesíodo (?)<sup>11</sup>, é claramente expressa na *Odisseia*: em XII, 1-2, o Oceano, Ὠκεανός, é distinto do mar, θάλασσα.

O conhecimento grego do Atlântico data, pelo menos, do século VII a.C. Já Hesíodo (?)<sup>12</sup> faz regressar Jasão e os Argonautas do Oriente pelo Ocidente até à Líbia, quase reproduzindo a viagem de circum-navegação da África levada a cabo por marinheiros fenícios ao serviço do faraó Neco (610-595 a.C.)<sup>13</sup>. Os poucos dados conhecidos sobre as primeiras viagens históricas que alcançaram a Península Ibérica são oriundos de narrativas em que o mito e a história se confundem. Depois de atravessar as Colunas de Hércules, Coleo de Samos, por exemplo, viaja até Tartesso desviado pelo vento quando se dirigia ao Egipto<sup>14</sup>. Esta informação de Heródoto é, talvez, extraída da obra *Telegonia* de Eugámon de Cirene,

<sup>11</sup> Sc., 314-315.

<sup>12</sup> Sc., fr. 57.

<sup>13</sup> Heródoto, IV, 42-43.

<sup>14</sup> Heródoto, IV, 152.

também fonte provável de Píndaro, em *Píticas* IV e V<sup>15</sup>. Só no século V a.C. é contestada a existência de um rio Oceano circular. De facto, o conhecimento do mundo não permite manter aquela concepção espacial.

No contexto mitológico, Oceano é um Titã, filho de Úrano e de Geia, personificação e primeiro deus das águas. Casado com a irmã, Tétis, que representa o poder feminino fecundo do mar, é pai de incontáveis filhos e filhas, nomeadamente todos os rios e Oceânides. Os Antigos situavam no Oceano tudo o que era estranho ou fabuloso: Cimérios, Etíopes, Pigmeus, Górgonas, Hespérides, etc. Oceano transcende, deste modo, a pura representação geográfica e transforma-se em entidade de carácter superior e divino, dotado de grandes poderes<sup>16</sup>

Filho de Jápeto e da oceânide Clímene, o gigante Atlas pertence à geração divina anterior à olímpica, isto é, à dos seres monstruosos e desproporcionados, e integra o ciclo mitológico do Ocidente. Após a Gigantomaquia, Zeus infligiu-lhe como punição sustentar sobre os seus ombros a abóbada celeste<sup>17</sup>, situando-se o local deste castigo no Extremo Ocidente, próximo da região das Hespérides<sup>18</sup> mas mal definido geograficamente. Pai da astronomia e inventor da esfera que representa o globo terrestre<sup>19</sup>, Atlas aparece ligado ao mar, mesmo como navegador<sup>20</sup>.

Atlas é ainda considerado um epónimo da Atlântida, a ilha fabulosa e extremamente rica, maior do que a Ásia e a Líbia juntas, e que, segundo Platão<sup>21</sup>, se teria localizado em frente das Colunas de Hércules, à saída do Mediterrâneo. Os Atlantes e a sua ilha teriam desaparecido para sempre devido a um cataclismo, criando um mistério ainda por desvendar nos nossos dias.

O interesse em explorar o mundo ocidental desenvolve as viagens por mar, possibilita o conhecimento de anteriores navegações e sedimenta a fusão entre elementos mitológicos e históricos arcaicos. Ulisses, Jasão e, principalmente, Hércules<sup>22</sup> são personagens referentes na progressão para o Ocidente. Hércules/Hércules surge como elemento agluti-

<sup>15</sup> F. Lasserre, "L'historiographie grecque à l'époque archaïque", *QdS*, 4, 1976, pp. 122-123.

<sup>16</sup> Cf. W. Burkert, *The Orientalizing Revolution in the Early Archaic Age*, Cambridge Mass., 1992, pp. 88 ss.

<sup>17</sup> Hesíodo, *Theog.*, 517-520.

<sup>18</sup> Cf. Hesíodo, *Theog.*, 507 ss.; *Od.*, I, 52 ss.; VII, 245; Ésquilo, *Pr.*, 348; 425 s.; Píndaro, *Pyth.*, IV, 288 ss; Eurípides, *Íon*, 1 ss.; Heródoto, IV, 184; Apolónio de Rodes, *Arg.*, III, 106; Ovídio, *Met.*, II, 296; VI, 174; Apolodoro, *Bibl.*, I, 2, 3; II, 5, 11; Higino, *Fab.*, 150.

<sup>19</sup> Diodoro Sículo, IV, 27, e Plínio, II, 6, 3

<sup>20</sup> *Od.*, I, 52, 3.

<sup>21</sup> *Ti.*, 21a ss, e *Criti.*, 108 ss.

<sup>22</sup> Cf. Diodoro, IV, 17-18.

nador de vários mitos ocidentais, tendo desempenhado um papel importante como navegador, demarcando os limites do mundo civilizado a Ocidente: segundo Ferecides<sup>23</sup>, chega a Tartesso, viaja para a Líbia e alcança o Egito, purificando-se aí antes de regressar a Micenas. Anteu e Gérion são duas das personagens míticas com quem Hércules/Hércules se cruza.



Hércules – Berlim, Antikenmuseum (FG 148)

A personagem mítica de Anteu, gigante filho de Posídon e de Geia, é referenciada na Líbia e referida por autores como Píndaro<sup>24</sup>, Diodoro Sículo<sup>25</sup>, Pausânias<sup>26</sup>, Ovídio<sup>27</sup>, Apolodoro<sup>28</sup>, Lucano<sup>29</sup>, Higino<sup>30</sup>, Estácio<sup>31</sup>, Pompónio Mela<sup>32</sup> ou Estrabão<sup>33</sup>. O combate contra Hércules integra-se, como episódio quase avulso, no ciclo das Hespérides. Anteu desafiava todos os viajantes, vencia-os e matava-os já que era invulnerável

<sup>23</sup> *FGrHist*, 3F16=*Schol. Ap. Rhod.*, 1396-99b.

<sup>24</sup> *Isth.*, IV, 87 ss.

<sup>25</sup> IV, 17, 4.

<sup>26</sup> IX, 11, 6.

<sup>27</sup> *Ib.*, 393 ss.

<sup>28</sup> *Bibl.*, II, 5, 11.

<sup>29</sup> *Phars.*, IV, 590 ss.

<sup>30</sup> *Fab.*, 31.

<sup>31</sup> *Theb.*, VI, 893 ss.

<sup>32</sup> III, 106.

<sup>33</sup> XVIII.N

enquanto estivesse em contacto com a mãe, isto é, a Terra. Hércules vence-o, soerguendo-o sobre os ombros. Segundo uma versão tardia de carácter etiológico, Hércules uniu-se à viúva de Anteu, Tinge, e o filho concebido nessa relação, Sófax, fundou, em honra da mãe, a cidade de Tinge, hoje Tânger<sup>34</sup>.

Já Hesíodo, no poema *Teogonia*<sup>35</sup>, refere o episódio em que Hércules – depois de, na ilha de Eritia, combater e matar Gérion, o gigante que tinha três cabeças e cujo corpo era triplo até às ancas, filho de Crisaor e de Calírroe, uma das filhas de Oceano – rouba os bois de Hades, conduzindo-os até Tirinte. Estesícoro de Hímera, em poema dedicado a Gérion, localiza Eritia junto à foz do rio Tartesso e, posteriormente, Apolodoro<sup>36</sup> situa-a, sem qualquer hesitação, nas proximidades de Cádis<sup>37</sup>.



Gérion – Istambul, Museu Arqueológico (7 120)

Arriano<sup>38</sup> afirma que Hecateu de Mileto considerava que Gérion não era rei de uma região situada no "grande mar" mas, sim, de uma zona continental mediterrânea. Estrabão, por seu lado, localiza o episódio na

<sup>34</sup> Cf. Plutarco, *Sert.*, 9.

<sup>35</sup> Vv. 287 ss. e 983 ss.

<sup>36</sup> *Biblioteca*, 2, 5, 10.

<sup>37</sup> Cf., p.e., Juan Maluquer de Motes, *Tartessos*, Barcelona, 1990.

<sup>38</sup> *Anabasis*, II, 16, 5-6.



Hispania<sup>39</sup>. Avieno, em *Ora Maritima*<sup>40</sup>, situa-o nas costas do golfo tartéssico. Eurípides<sup>41</sup>, Helânico<sup>42</sup>, Ferecides<sup>43</sup>, Herodoro<sup>44</sup> são alguns dos autores gregos que localizam Gérion na Península, tal como Vergílio<sup>45</sup> e Diodoro Sículo, que apresenta uma versão detalhada do mito<sup>46</sup>. Ovídio<sup>47</sup>, Estácio<sup>48</sup>, Díon de Prusa<sup>49</sup>, Pausânias<sup>50</sup>, Filóstrato<sup>51</sup>, Justino<sup>52</sup>, Fírmico Materno<sup>53</sup>, Amiano Marcelino<sup>54</sup> e Ausónio<sup>55</sup> são outros dos autores que aludem ao episódio. Sérvio, no seu comentário à *Eneida*, VII, 662, refere pela primeira vez que Gérion era rei das ilhas Baleares, informação que será aceite por eruditos posteriores, como Claudiano<sup>56</sup>, Estêvão de Bizâncio<sup>57</sup> e os *Scriptores rerum mythicarum latini tres*<sup>58</sup>, que afirmam que Gérion, rei de Eritia, na Hispania, tinha três cabeças porque governava três ilhas – as Baleares – ou porque eram três irmãos.

O afastamento temporal produz uma racionalização da interpretação mítica. A leitura de Pompónio Mela<sup>59</sup> e de Plínio<sup>60</sup> comprova que no século I já não se conhecia com exactidão o local onde se situava o reino de Gérion.

Deve-se salientar a difusão deste mito de Gérion no mundo antigo.

---

<sup>39</sup> III, 148, e III, 150 e 169.

<sup>40</sup> 263-264.

<sup>41</sup> *H.F.*, 423-424.

<sup>42</sup> Fr. 110-111.

<sup>43</sup> Fr. 17.

<sup>44</sup> Fr. 24.

<sup>45</sup> *Aen.*, 262-263.

<sup>46</sup> IV, 17, 1-2, c 18, 2-3.

<sup>47</sup> *Her.*, IX, 91-92; *M.*, IX, 184, 184.

<sup>48</sup> *Silu.*, IV, 6, 102.

<sup>49</sup> *Orat.*, VIII, 31.

<sup>50</sup> IV, 36, 3; X, 17, 5.

<sup>51</sup> V, 5.

<sup>52</sup> XLIV, 14-16.

<sup>53</sup> *De err. p. r.*, XII, 5

<sup>54</sup> XV, 9, 6.

<sup>55</sup> *Ecl.*, XXV, 10.

<sup>56</sup> *Carm. Min.*, IV, 1-2.

<sup>57</sup> *s.u. Eriteia.*

<sup>58</sup> I, 68; II, 152; III, 13, 6.

<sup>59</sup> II, 96, e e III, 47.

<sup>60</sup> IV, 120.

Segundo Jean Bayet<sup>61</sup>, a narrativa do episódio do roubo dos bois de Gérion por Hércules teria sido levado para Itália por colonos calcídicos. Os Etruscos conheciam o mito e representavam-no em bronzes e pinturas, admitindo-se que o mito foi trasladado para Ocidente pelos Fócios, sendo Gérion identificado com um rei de Tartesso<sup>62</sup>.

O conhecimento de ilhas no Atlântico é antigo, como se comprova pela ocupação das Canárias, mas impreciso. Não é de estranhar, pois, que o mar ocidental seja o espaço de localização das ilhas Afortunadas, das ilhas das Hespérides, com os seus jardins, e das ilhas das Górgonas. Mas é ainda no Ocidente que se situam as Cassitérides, ilhas quase-míticas do espaço britânico, e Tule, ilha brumosa e longínqua, limite fantástico do mundo antigo avistado por Píteas de Massília na sua viagem pelo Atlântico Norte. Píteas (séc. IV a.C.) escreveu um *Tratado sobre o Oceano*, obra que não chegou até nós e na qual relatava, segundo a tradição indirecta, a sua viagem marítima para as regiões do norte, afirmando que visitara, como refere criticamente Estrabão<sup>63</sup>, todos os lugares acessíveis da costa da actual Grã-Bretanha e alcançara a mítica Tule, a mais setentrional das ilhas do arquipélago britânico, geralmente identificada com a Islândia<sup>64</sup>.

As ilhas dos Bem-Aventurados ou Afortunados – μακάρων νῆσοι – são mencionadas pela primeira vez por Hesíodo no célebre passo das cinco idades<sup>65</sup>. Nessas ilhas, cedo identificadas com as Canárias<sup>66</sup>, os heróis vivem isentos de sofrimento e de fadiga, de plena felicidade e abundância. Já Aristóteles<sup>67</sup> falava em uma ilha desabitada, descoberta pelos Cartagineses e situada além das Colunas de Hércules. Segundo Plutarco<sup>68</sup>, Sertório, no seu regresso da Líbia, é tentado a partir em busca de ilhas de abundância e felicidade situadas no Oceano e descritas de forma tentadora por marinheiros. Plínio<sup>69</sup> confirma este cenário paradisíaco, que anuncia, de certo modo, o Paraíso ocidental de S. Brandão.

<sup>61</sup> *Les origines de l'Hercule romain*, Paris, 1976.

<sup>62</sup> Cf. Blásquez Martínez, "Gérion y otros mitos griegos en Occidente", *Gérion*, 7, 1989, p. 26.

<sup>63</sup> II, 4, 2 (104), e 5, 8 (114-115).

<sup>64</sup> Cf. G. Aujac, "Astronomie et géographie scientifique de la Grèce ancienne", *Lettres de l'Humanité*, XXXII, 1974, pp. 441-461.

<sup>65</sup> *Op.*, 170-173. Cf. tb. Píndaro, *Ol.*, II, 61-85.

<sup>66</sup> Cf., p.e., Marcos Martínez, *Canarias en la Mitología*, La Laguna, 1992.

<sup>67</sup> *Mir. Ausc.*, 84.

<sup>68</sup> *Sert.*, 8.

<sup>69</sup> VI, 37; 202-204.

"Ninfas do Poente", as Hespérides<sup>70</sup> habitavam uma ilha próxima da dos Bem-Aventurados e tinham como função essencial vigiar o jardim dos deuses no qual nasciam as maçãs de ouro, presente outrora dado pela Terra a Hera aquando do seu casamento com Zeus<sup>71</sup>. Para cumprirem a sua missão de guardiãs, contavam com o auxílio de um dragão de cem cabeças, filho de Fórcis e de Ceto ou de Tífon e Equidna.

Um dos trabalhos impostos a Hércules por Euristeu foi roubar as maçãs das Hespérides. O herói viajou de Oriente para Ocidente, fazendo a última parte da viagem "na taça do Sol"<sup>72</sup>. Hércules convenceu Atlas a roubar as maçãs aliviando-o do fardo de suportar o céu.



Cabeça de Medusa – Nápoles, Museo Archeologico Nazionale (82 286)

Das três Górgonas – Esteno, Euríale e Medusa –, filhas de Fórcis e de Ceto, apenas a última era mortal. Habitavam também o Extremo Ocidente, não longe do reino dos mortos, da região das Hespérides, da de Gérion, etc. Medusa era considerada a Górgona por excelência: a sua cabeça estava rodeada de serpentes, que tinham grandes presas, semelhantes às dos javalis, mãos de bronze e asas de ouro. Os seus olhos eram cintilantes e o seu olhar tão penetrante que quem quer que o fixasse era transformado em pedra. Eram temidas por deuses e mortais. Perseu,

<sup>70</sup> Cf. J. Ramin, *Mythologie et Géographie*, Paris, 1979.

<sup>71</sup> Cf., p.e., Hesíodo, *Theog.*, 215 ss.; Eurípides, *Hipp.*, 742 ss.; *Herc.F.*, 395 ss; Apolodoro, *Bibl.*, II, 5, 11.

<sup>72</sup> Ateneu, XI, 469 cd.

montado no seu cavalo alado, Pégaso, vence e mata Medusa, cortando-lhe a cabeça e oferecendo-a a Atena. Segundo Diodoro Sículo<sup>73</sup>, as Górgonas eram um povo belicoso, comparável às Amazonas, que habitava em uma região situada próxima da dos Atlantes. Estes, vencidos pelas Amazonas, obrigaram a Rainha Mirina a declarar guerra às Górgonas, que só foram completamente vencidas por Hércules.

Além destas ilhas, também se localizava no Oceano Antemusa, a ilha das Sirenes<sup>74</sup>. Estas ilhas utópicas têm um papel fundamental na caracterização do imaginário ocidental e na forma de idealizar e construir cenários fantásticos.

Se o oriente corresponde ao nascimento do Sol e, em consequência, a uma maior abundância e riqueza, o Ocidente, local do Poente após a travessia da abóbada celeste, estava associado a ideias de carácter escatológico. Como extremo da terra, o Ocidente é cenário de locais paradisíacos, como os Campos Elísios<sup>75</sup>, mas o Oceano é, também, um obstáculo que se interpõe no caminho para o reino de Hades<sup>76</sup>. Não admira, pois, que Ulisses – o mais famoso dos heróis dos *nostoi* – tenha aportado, nas suas deambulações, ao Extremo Ocidente<sup>77</sup> e, até, a esta cidade de Lisboa<sup>78</sup>, Olisipo, topónimo em que alguns querem ver Ulisipo<sup>79</sup>.

A mitologia ocidental pode, sumariamente e em conclusão, caracterizar-se do seguinte modo:

- mitos antigos referentes ao Ocidente que se desenvolvem a partir de uma estrutura nuclear: o Oceano;
- mitos referentes a personagens primordiais (Atlas) e a lugares fantásticos, nomeadamente ilhas;
- antigos mitos ocidentais que são integrados culturalmente (Gérion);
- episódios ocidentais do mito de Hércules/Hércules, concretizando a ponte entre os dois núcleos (Oceano e ibéricos).

Oceano e Hércules são os elementos aglutinadores à volta dos quais o imaginário colectivo procura construir uma estrutura mitológica coerente e articulada ou, pelo menos, que aparente alguma unidade.

---

<sup>73</sup> III, 54-55.

<sup>74</sup> Apolónio de Rodes, *Arg.*, IV, 892.

<sup>75</sup> *Od.*, IV, 567-569.

<sup>76</sup> *Od.*, XI, 11 ss.

<sup>77</sup> Estrabão, III, 2, 13 (C129).

<sup>78</sup> Pompónio Mela, III, 8.

<sup>79</sup> Cf, p.e., Justino Mendes de Almeida, *De Olisipo a Lisboa. Estudos Olisiponenses*, Lisboa, 1992, pp. 13 ss.

O tema não está certamente esgotado. Foi minha intenção equacionar um conjunto de problemas referentes aos mitos do Ocidente em uma perspectiva tradicional. A problemática das origens da mitologia pré-romana<sup>80</sup> e a análise dos seus mitos complexos, como o de Hábis e Górgoris<sup>81</sup>, não foram intencionalmente referidas nem tão-pouco os novos mitos desenvolvidos em épocas mais próximas e alimentados ainda pela nossa sociedade.

---

<sup>80</sup> Cf. J. C. Bermejo Barrera, *Mitología y mitos de la Hispânia prerromana*, Madrid, 1984 e 992.

<sup>81</sup> Cf., p.e., Javier Alvarado, *Tartessos, Gargoris y Habis*, Madrid, 1984.